Resumo da Entrevista com Jurandir Freire Costa: Psicanálise, Cultura e a Construção do IMS

A entrevista com Jurandir Freire Costa, realizada em 10 de fevereiro de 2017, oferece uma perspectiva única sobre a formação do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, a Reforma Sanitária e a gênese do Sistema Único de Saúde (SUS), sob a ótica de um psicanalista e intelectual com profundo interesse nas relações entre psiquismo, cultura e sociedade. Sua trajetória no IMS, marcada pela interdisciplinaridade e pela liberdade intelectual, revela como o Instituto se tornou um espaço fértil para o debate crítico sobre a saúde e as formas de subjetivação. Este resumo busca apresentar a visão de Jurandir Freire Costa a um público amplo, incluindo especialistas, estudantes e o público em geral, com clareza e fidelidade aos seus argumentos.

A Chegada ao IMS e o Encontro com a Psiquiatria Crítica

Jurandir Freire Costa narra sua chegada ao Rio de Janeiro vindo de Paris e seu ingresso no departamento de Psiquiatria do Hospital da UERJ, mediado por Joel Birman. O encontro com o IMS foi quase simultâneo, impulsionado pela generosidade e simpatia de Hesio Cordeiro e Nina Pereira Nunes, que o convidaram para dar aulas no recém-criado programa de mestrado. Essa acolhida, sem que o conhecessem previamente, foi um fator decisivo para sua permanência.

Inicialmente, sua atuação no IMS esteve ligada a um grupo de pesquisa com Roberto Machado, focado no trabalho de Michel Foucault. Essa colaboração resultou em obras como "Ordem médica e norma familiar", que abordava a psiquiatria como disciplina médica e sua relação com a violência asilar e a normatização da loucura. Costa enfatiza que, naquele período, o IMS se debruçava sobre autores como Foucault, Castel, Goffmann, Laing, Cooper e Basaglia, e não sobre os psicanalistas clássicos como Freud, Klein ou Lacan. A presença de psicanalistas como ele e Joel Birman no Instituto se deu mais por acaso, devido ao interesse dos colegas nas relações de poder na psiquiatria, do que por uma busca explícita pela psicanálise em si.

Psicanálise, Sintomas Culturais e a "Determinação Social da Doença"

A partir de 1985, em uma segunda fase de sua estadia no IMS, Jurandir Costa pôde focar mais suas pesquisas na psicanálise, influenciado por sua formação em Etnopsiquiatria com Georges Devereux em Paris. Ele adaptou o rigor teórico de Devereux aos "estudos críticos que chamamos, grosso modo, de psicanálise dos 'sintomas culturais'". Para Costa, o "sintoma cultural" refere-se ao estilo de vida resultante da introjeção, reação, recriação ou obediência às normas morais impostas, ou, inversamente, à transgressão prescrita pela sociedade. Ele sempre buscou combinar a análise histórico-genealógica com a resposta psicológica individual às circunstâncias, mantendo um cuidado epistemológico.

Um exemplo dessa abordagem é seu estudo sobre o autismo, diferenciando-o como diversidade cultural e como fenomenologia psicológica. Essa linha de investigação, embora com objetos e teorias mutáveis, permaneceu central em sua produção.

Costa também relembra a disciplina "Determinação Social da Doença", ministrada em conjunto com José Luís Fiori. Enquanto Fiori abordava a dimensão sócio-política (distribuição de doenças, taxas de mortalidade, desigualdades), Costa trazia a

perspectiva sociocultural e psicanalítica, focando em como "imperativos culturais" como o "individualismo possessivo" ou o "smart narcisismo" atravessam o corpo social e afetam a subjetivação. Ele buscava entender como as pessoas se apropriam subjetivamente do sentido cultural de "como se tornar doente", e como os sintomas individuais se relacionam com a tradução original dos comandos culturais.

Distanciamento da "Saúde Coletiva" e o Ambiente Institucional

Jurandir Costa se posiciona como um "figurante" ou "ouvinte interessado" nas discussões centrais da "Saúde Coletiva" no IMS, como seguro privado, criação do SUS, assistência primária ou indústria farmacêutica. Ele reconhece que essas eram as grandes questões de colegas como Hesio, Nina, Fiori, Reinaldo, Noronha, Arouca, Tambellini, Maria Andréia e Madel. Sua concentração estava na psiquiatria e psicanálise, buscando utilizar o aparato crítico de Foucault, Goffman, Castel e outros para "liberar as atipias mentais da opressão asilar ou da hipermedicalização".

Apesar desse foco específico, ele reconhece a interlocução e a influência mútua. Ele colaborou na implantação do primeiro CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e destaca a contribuição do IMS para a difusão de ideias que fluíram para o movimento da Reforma Psiquiátrica.

Sobre a gestão institucional, Costa admite sua falta de "competência de gestor", tendo assumido a chefia de departamento apenas uma vez, com resultados "desastrados". Ele elogia o talento de colegas como Hesio, Nina, Ricardo Tavares, Reynaldo Guimarães, Zé Noronha e Maria Andréia para lidar com questões práticas e burocráticas, que, segundo ele, foram essenciais para o funcionamento do IMS.

O que mais o cativou no IMS foi o ambiente: pessoas "agradáveis, acolhedoras", com "visões de mundo" instigantes, alunos de "excelente" qualidade e, fundamentalmente, o respeito à "liberdade de pesquisa de cada um de nós". A interdisciplinaridade e as discussões ricas, que se estendiam para além do ambiente acadêmico, contribuíram para um clima de troca teórica e camaradagem. Sua escolha pela UERJ, em detrimento de UFRJ ou PUC, também se deu por um "compromisso moral" com alunos socialmente mais diversificados, uma "fantasia que tinha força de verdade".

Influências Intelectuais e Produção Acadêmica

A matriz teórica de Jurandir Costa foi profundamente moldada pelo neopragmatismo de Richard Rorty e pelos jogos de linguagem de Ludwig Wittgenstein. Ele descreve o "completo fascínio" por esses pensadores, que se tornaram o "pano de fundo implícito em tudo que investigo". Essa abordagem foi crucial em seu trabalho sobre sexualidade com Richard Parker, onde buscou entender como forças político-econômicas e hábitos linguísticos "naturalizam" divisões sexuais e de gênero, e suas consequências psicológicas.

O IMS foi "fundamental" para sua produção intelectual. Com exceção de textos puramente psicanalíticos, tudo o que pensou ou escreveu foi elaborado a partir dos seminários e do clima de liberdade intelectual do Instituto. Sua pesquisa sempre transitou entre a história das mentalidades, a genealogia das subjetividades, a epistemologia e a análise de quadros clínicos, sem "fronteiras disciplinares mesquinhas".

Legado e Reflexões Finais

Jurandir Freire Costa reconhece que o IMS, junto com Hesio e Nina, "carregou o IMS do berço até que ele começou a andar com as próprias pernas". Ele vê o Instituto como um lugar onde se sentiu livre para investigar, estudar e pensar em como exercer melhor sua clínica, sua docência e sua condição de cidadão. A instituição, em seu início, era um espaço de criação de coisas novas, em face da pobreza institucional e de ideias na saúde pública.

Apesar de sua posição mais periférica em relação aos debates centrais da Saúde Coletiva, a contribuição de Jurandir Freire Costa para o IMS foi inestimável, ao trazer uma dimensão psicanalítica e cultural para a compreensão dos fenômenos de saúde e doença, e ao consolidar um ambiente de rigor teórico e liberdade de pensamento. Sua visão complementa as narrativas mais focadas na política e na gestão, enriquecendo a história do Instituto e seu impacto na formação de um campo multidisciplinar e crítico.